

Da WikiLeaks aos Panama Papers: como os vazamentos de dados ajudaram a reconfigurar o Jornalismo

*From WikiLeaks to Panama Papers:
how data leaking helped reshaping Journalism*

Daniel MAGALHÃES¹

Resumo

Nos últimos anos, alguns vazamentos de dados em larga escala causaram uma série de transformações significativas no ecossistema jornalístico. Impulsionadas por tais fenômenos, bem como pelo avanço da *big data*, redações do mundo inteiro viram-se obrigadas a investir em tecnologias e profissionais capazes de transformar grandes quantidades de dados em materiais jornalisticamente relevantes. No entanto, tais vazamentos acabaram por levantar diversas questões sobre ética e o papel do jornalista no contexto atual, colocando em cheque algumas das práticas jornalísticas mais tradicionais. Este artigo visa analisar o fenômeno do vazamento de dados e como a profissão tem sido afetada graças a ele. Para isto, utiliza como objeto de análise dois dos maiores vazamentos da década, o primeiro coordenado pela WikiLeaks, que ficou conhecido como “Cablegate”, e o segundo coordenado pelo Consórcio Internacional de Jornalistas Investigativos (ICIJ), conhecido como “Panama Papers”.

Palavras-chave: Big Data. ICIJ. Panama Papers. Vazamentos. WikiLeaks.

Abstract

Over the last years, a number of large scale leaks have caused a series of transformations in the journalistic ecosystem. Driven by such phenomena as well as by the advance of *big data*, newsrooms were forced to invest in technologies and professionals capable of turning a large amount of data in journalistically relevant materials. However, such leaks eventually raised several questions about ethics and the role of journalists in the nowadays context, putting in check some of the most traditional journalistic practices. This article aims to analyze the data leakage phenomenon and how journalism has been affected by them. As object of analysis, we chose two of the biggest leaks of the decade, the first coordinated by

¹ Mestrando do Programa de Pós-Graduação em Comunicação – PPGC/UFPB. Integrante do Grupo de Pesquisa em Processos e Linguagens Midiáticas (Gmid). E-mail: magalhaesd@outlook.com

WikiLeaks, the “Cablegate”, and the second coordinated by the International Consortium of Investigative Journalists (ICIJ), known as “Panama Papers”.

Keywords: Big Data. ICIJ. Leaks. Panama Papers. WikiLeaks.

Introdução

Em dezembro de 2009, uma associação de *hackers* conhecida como *Chaos Computer Club* reuniu-se na cidade de Berlim para dar início ao seu 26º congresso anual². No auditório onde a abertura ocorreria, algumas centenas de pessoas apinhavam-se entre jornalistas, *hackers* e autoridades que haviam sido atraídas pelo tema do encontro: “WikiLeaks 1.0 – o lançamento”³. O primeiro palestrante seria nada menos que o fundador da WikiLeaks, Julian Assange, que havia acabado de dar início a operação de vazamento de centenas de milhares de documentos militares e diplomáticos norte-americanos, precipitando um escândalo de proporções inéditas que ficaria conhecido como *Cablegate*. Ao apresentá-lo à plateia, o também ciberativista Daniel Schmitt citou um dos aspectos mais interessantes do feito: “Em sua curta existência”, disse, “a WikiLeaks conseguiu publicar mais furos jornalísticos do que o Washington Post nos últimos 30 anos”⁴.

Durante os dois anos anteriores, Julian Assange e seus companheiros de WikiLeaks haviam se abrigado na vizinha Suécia, onde as avançadas leis de proteção à imprensa haviam garantido o pleno funcionamento de sua plataforma com toda criptografia necessária para o contato com as fontes. Foi a partir de um pequeno porão em Estocolmo que toda estratégia de vazamento foi montada, envolvendo desde o aspecto tecnológico (o material seria replicado em diversos servidores e domínios de vários países, dificultando o bloqueio), ao aspecto jornalístico, com a WikiLeaks distribuindo parte dos 250 mil documentos entre alguns dos maiores jornais do mundo, cujas missões seriam tratá-los e publicá-los da maneira mais impactante possível.

² Trata-se do maior congresso de hackers da Europa, realizado anualmente desde 1981. Site: <http://www.ccc.de/updates/2009/26c3-here-be-dragons> < Acesso em 30 de julho de 2016 >.

³ A palestra, na íntegra, pode ser assistida aqui: <https://goo.gl/NaVtJH> < Acesso em 30 de julho de 2016 >.

⁴ Cena presente no documentário *WikiRebels* (2010), produzido pela TV sueca SVT e disponível no link: <https://goo.gl/CvWZcK> < Acesso em 25 de julho de 2016 >.

A ideia de colocá-los à disposição de empresas poderosas como *The New York Times*, *The Guardian* e *Der Spiegel* não era por acaso: diante da quantidade sobre-humana de arquivos, um jornal menor poderia levar anos para conseguir organizá-los. Até lá, era possível que as instituições e governos afetados já tivessem encontrado um meio de se blindar, tornando aqueles documentos obsoletos e irrelevantes. A opção por jornais maiores, por sua vez, desencadeou uma verdadeira corrida tecnológica para desenvolver máquinas e sistemas capazes de garimpar com rapidez grandes volumes de dados em um curto espaço de tempo (ANDERSON et al., 2013, p.44). Foi assim que os chamados algoritmos de *big data* tomaram pela primeira vez o protagonismo em um jornal de grande porte.

Contudo, para além da corrida tecnológica, o fenômeno do vazamento de um massivo banco de dados abriu ainda um outro precedente interessante. Em plena “era da *big data*” (LIMA JUNIOR, 2012, p. 210), a WikiLeaks acabou popularizando a noção da existência de preciosíssimos bancos de dados escondidos na internet, despertando o interesse de ciberativistas e órgãos de inteligência de todo planeta. De certo modo, o *Cablegate* prenunciava um futuro agitado para o jornalismo, o que logo se provaria acertado com o surgimento de grupos organizados dispostos a furar o bloqueio dos bancos de dados mais seguros em busca de efeitos políticos cada vez mais calculados.

Em abril de 2016 – quase seis anos depois do auge do *Cablegate* – um outro vazamento orquestrado dessa vez pelo “Consórcio Internacional de Jornalistas Investigativos” (ICIJ)⁵ despejou na internet um conjunto de 11,5 milhões de documentos confidenciais pertencentes ao escritório de advocacia panamenho Mossack Fonseca, especializado em empresas localizadas em paraísos fiscais, as chamadas “*offshores*”. Os “*Panama Papers*” – como ficaram conhecidos – forneciam informações detalhadas sobre mais de 200 mil empresas, incluindo nomes de administradores e acionistas. Nos documentos eram mencionados vários chefes de estado em exercício, políticos de alto-

⁵ Optamos pela sigla em inglês, referente a “International Consortium of Investigative Journalist”, por ser dessa maneira que o site ficou conhecido: <https://www.icij.org/> < Acesso em 30 de julho de 2016 >.

escalão de mais de quarenta países, além de 29 pessoas da lista de mais ricos do mundo da revista Forbes⁶.

Os *Panama Papers* têm sido descritos como "o maior vazamento da história do jornalismo de dados" (BAACK, 2016, *online*), e isto deve-se tanto ao número impressionante de arquivos quanto por ter culminado uma estratégia de vazamento que, segundo o ICIJ, já vinha se desenvolvendo desde 2010, quando a WikiLeaks passou a cooperar com grandes jornais para conseguir publicar os diários de guerra afegãos, marco inicial do *Cablegate*. À época, o vazamento coordenado por Julian Assange foi considerado devastador e seus efeitos tiveram papel importante nas discussões políticas internacionais posteriores. Todavia, em comparação com os *Panama Papers*, tal vazamento certamente poderia ser considerado minúsculo, já que, na prática, tratava-se apenas de planilhas com cerca de 90 mil linhas de telegramas registrados (ROGERS, 2011, *online*).

Para além dos números e avanços tecnológicos, interessa notar que uma vez que a operação *Cablegate* foi desencadeada, o padrão de organização e publicação dos documentos foi replicado em quase todos os vazamentos dos anos seguintes. De acordo com Baack (2016), "ao compararmos o *Cablegate* com os *Panama Papers*, um dos aspectos mais interessantes não é o que mudou, mas precisamente o que não mudou". À exceção dos vazamentos de Edward Snowden sobre a NSA, todos os grandes vazamentos desde 2009 tiveram vários aspectos em comum, sugerindo um novo *habitus* no jornalismo e pondo em cheque vários aspectos do código de ética jornalístico.

Com base nesta proposição, procuraremos elencar neste texto algumas das coincidências verificáveis de modo a construir um panorama mais preciso das alterações que ocorreram no jornalismo graças ao fenômeno dos vazamentos de *big data*. O objetivo do presente artigo é, portanto, refletir sobre o modo como o advento da *big data* somado aos vazamentos parece ter levado o jornalismo, de maneira inexorável, ao princípio de uma nova *praxis* e de como os velhos modelos e interesses se articulam dentro deste novo ecossistema.

⁶ Bilionários e ex-bilionários pegos em lista dos Panama Papers: <http://goo.gl/zd9bH3> < Acesso em 30 de julho de 2016 >.

Da WikiLeaks aos *Panama Papers*

Seja através de bibliotecas, arquivos policiais, ou mesmo dos próprios acervos particulares, a garimpagem de jornalistas em bancos de dados nunca foi tarefa fácil. Mesmo em sociedades ditas democráticas como Brasil e Estados Unidos, não são raros casos de obstrução da presença de jornalistas em arquivos que podem por qualquer razão interessar ao público. Todavia, se por um lado tal bloqueio pode frustrar o profissional, por outro acaba por tornar seu trabalho ainda mais desafiador, já que nenhum bloqueio acontece sem razão. Afinal, dentro do contrato republicano, o jornalista é aquele que caça “furos” (no inglês, *scoop*, que significa “vazamento”).

No entanto, é precisamente em torno da obtenção destes furos que rondam as questões éticas que costumam orientar sua profissão. O sigilo da fonte, a gratuidade da informação, a abordagem isenta... São códigos estabelecidos no decorrer de mais de um século, mas cuja maleabilidade nunca deixou de ser polêmica. Ao acessar um banco de dados potencialmente perigosos, o jornalista deve estar apto a responder estes dilemas com rapidez e segurança. Caso falhe, pode colocar toda sua operação em risco.

Quando, ainda em 2007, os jornalistas começam a conhecer o *modus operandi* da WikiLeaks, o grande desafio para a plataforma era provar sua credibilidade. Tida por alguns como apenas mais “uma fonte de informação e uma ferramenta de apoio ao trabalho que realizam” (SILVA, 2014, p.8), seu *status* de repositório de documentos conseguidos através da atividade *hacker* ainda a impedia de acessar o campo jornalístico (LYNCH, 2010, p.315). Somente em 2010, com o início da cooperação da WikiLeaks com a tradicional imprensa escrita é que a confiança passa a ser de fato construída. Ajudava o fato de que eram dados extremamente valiosos, dado que pode ser comprovado inclusive na expansão da operação *Cablegate* e, um pouco mais tarde, na guerra declarada de governos e instituições bancárias contra Assange e a WikiLeaks, que logo sofreriam acusações em cortes internacionais e veriam suas contas bancárias bloqueadas (SILVA, 2014, p.9).

Outro fator importante para o ganho de espaço da WikiLeaks entre a mídia tradicional foi avanço tecnológico singular dos bancos de dados e a consequente ubiquidade

dos dados, criando uma verdadeira mina de ouro para os especialistas em extração de dados. O valor oculto dos bancos de dados enfatizou a necessidade dos jornalistas de se aliarem entidades capazes não só de extraí-los, mas também de organizá-los e – porque não dizer – de interpretá-los. Consta no *website* da WikiLeaks (2011) que entre as figuras anônimas que compõem sua rede estão vários jornalistas profissionais (incluindo o próprio Assange), motivo pelo qual a organização frequentemente opta por divulgar os ficheiros secretos com uma análise e contextualização.

Graças a esta colaboração e ao avanço dos vazamentos de bancos de dados, a fronteira do que era ou não jornalismo foi ficando borrada, dando a entender que as regras do jogo haviam mudado e agora, mais do que nunca, adaptação era questão de sobrevivência para as grandes empresas. Por esta razão, durante certo tempo uma conveniente vista grossa foi feita ao método WikiLeaks, que pouco se preocupava ao divulgar nomes e informações sensíveis, sempre alardeando o princípio irrevogável da “transparência para os grandes” (ASSANGE, 2013, p.143). Como consequência, um novo ecossistema jornalístico foi se formando, trazendo para o jogo um número crescente de *sites* e *blogs* dispostos a lidar com os dados sensíveis através de abordagens simplificadas e privilegiando o impacto a curto prazo.

Em contrapartida, igualmente notável foram os avanços no jornalismo de dados, com um número cada vez maior de profissionais treinados para lidar com *big data*, criptografia e ferramentas de *fact check* (checagem de fatos). Aliás, a popularização de *softwares* e sites especializados na checagem de fatos é, por si só, um fenômeno que merece atenção. Mas o que interessa no momento é a forma como o fenômeno específico dos vazamentos e de como o campo jornalístico tem se preparado para receber eventuais *Cablegates*. Ao nos inclinarmos para este fenômeno, logo notamos tanto um aperfeiçoamento e correção das primeiras ações, quanto a recorrência de ações que se mostraram desde o início acertadas. Nossa hipótese é de que isto se deve em grande parte às semelhanças na forma como os vazamentos foram orquestrados desde o aparecimento da WikiLeaks no espaço do jornalismo *mainstream*. Vamos, então, às coincidências.

Em primeiro lugar, podemos verificar que todos os vazamentos tiveram sua origem a partir de uma fonte anônima usando canais encriptados. Conhecidas como

“*whistleblowers*”, tais fontes não são personagens novos e suas atitudes têm sido desde sempre motivo de controvérsia. Desde casos clássicos como o “Garganta Profunda” (*Watergate*) até os vazamentos de Chelsea Manning (*Cablegate*) e Edward Snowden (*NSA*), questiona-se tanto as motivações por trás das revelações quanto a proporção do impacto causado pelas mesmas. Se no caso *Watergate* só soubemos a identidade do *whistleblower* trinta e três anos depois, quando um ex-diretor do FBI revelou ser ele o “Garganta profunda”, à revelação das identidades de Manning e Snowden se seguiu uma intensa perseguição, culminando com a primeira sendo confinada numa solitária e o segundo asilado na Rússia, onde protege-se de acusações de toda sorte.

Além dos *whistleblowers*, outra coincidência diz respeito à atuação de uma organização independente agindo como mediadora entre as fontes e as redações, facilitando a colaboração com organizações jornalísticas de diferentes países. Se em 2010 o vazamento foi totalmente mediado pelos ciberativistas da WikiLeaks, agora em 2016 outra organização bem maior e bem distante da clandestinidade surge mediando o vazamento dos chamados *Panama Papers*. O “Consórcio Internacional de Jornalistas Investigativos”, ou simplesmente ICIJ, tem provocado convulsões ao desbaratar complexos sistemas de desvio monetário através de *offshores* em paraísos fiscais. Certamente aproveitando-se da experiência adquirida nos vazamentos anteriores, o ICIJ consegue agora realizá-los de forma muito mais sistemática e ramificada.

A terceira coincidência diz respeito à colaboração transnacional, onde jornais do mundo inteiro são responsáveis por cobrir os aspectos interessantes para os seus públicos nacionais, geralmente combinando a data de lançamento com algum panorama internacional, de modo a assegurar o maior impacto. Em 2010, a WikiLeaks fez isto através dos jornais *El País*, *Der Spiegel*, *Le Monde*, *The Guardian* e *The New York Times*. A razão era que somente estas empresas com todo seu aparato tecnológico poderiam dar conta de transformar aqueles dados em informações jornalísticas relevantes. De lá para cá, no entanto, um número impressionante de redações se sofisticaram de modo a estarem aptas a lidar com grandes volumes de dados. Quando o ICIJ lançou os mais de 2,6 *Terabytes* de arquivos, jornais do mundo inteiro, incluindo organizações relativamente independentes como blogs, ONGs e outros agentes mediadores, tiveram condições de reportar os fatos de

modo muito mais efetivo. Tamanha sofisticação gerou inclusive uma reação curiosa, com pessoas proeminentes e governos acusando o ICIJ de estar vinculada a agências de inteligência interessadas no vazamento. Isto à parte, é inegável que estes fenômenos têm criado um ambiente favorável ao jornalismo de dados voltado ao contexto da *big data*, o que acaba por facilitar colaboração transnacional numa relação quase retroativa.

De muitas maneiras, o trabalho e o discurso do ICIJ no processo de liberação dos *Panama Papers* pode ser lido como uma tentativa de aperfeiçoar as práticas acima listadas de modo a aprofundar o jornalismo advindo dos vazamentos. Com uma rede internacional que hoje engloba cerca de 165 jornalistas de investigação em mais de 65 países, a ONG já tem ares de grande publicação e em 2014 ganhou inclusive um Pulitzer, prêmio máximo dos EUA concedido a trabalhos de excelência na área do jornalismo. A presença de uma entidade como o ICIJ na coordenação de um vazamento sugere que esta prática, que até poucos anos atrás era vista como clandestina, passa de repente a ser bem-vinda no ecossistema democrático.

Um novo jornalismo

Segundo Baack (2016), grandes veículos de mídia têm adotado várias tecnologias similares àquela usada pela WikiLeaks para proteger suas fontes. “Um exemplo popular é uso do *SecureDrop*, um sistema criado pela *Freedom of the Press Foundation* especificamente para permitir a submissão anônima de denúncias e documentos por parte de *whistleblowers*” (BAACK, 2016, *online*). De modo geral, há uma crescente consciência em relação à segurança on-line, bem como a adoção de ferramentas de criptografia entre jornalistas. Alguns anos atrás, o jornalista Glenn Greenwald quase perdeu um dos vazamentos mais importantes da História (*NSA*) porque não se preocupou em usar um e-mail com criptografia⁷. Durante as investigações que levaram aos *Panama Papers*, uma ampla gama de ferramentas foi usada para proteger tanto o *whistleblower* quanto o vazamento em si e a investigação em curso. Além disso, pesou o fato de que o ICIJ,

⁷ Esta história é contada no premiado documentário “Citizen Four” (2014), de Laura Poitras, disponível em: <https://citizenfourfilm.com/> < Acesso em 30 de julho de 2016 >.

mediador do vazamento, era uma empresa mais antiga e bem estruturada do que a WikiLeaks, que tinha sido fundada com o propósito único de coordenar o *Cablegate*. Diferentemente da WikiLeaks, o ICIJ não forneceu apenas o acesso aos documentos, mas também desenvolveu plataformas que auxiliaram a cooperação dos jornalistas numa escala muito maior.

Para além da adoção e desenvolvimento de novas tecnologias, a prática do vazamento (*leaking*) foi integrada tanto à rotina de trabalho quanto à ética profissional dos jornalistas. Tal fato pode ser melhor observado nos debates que tem ocorrido sobre a liberação de documentos brutos, isto é, sem edição, exatamente como entregues pela fonte. Desde o início, os defensores da transparência – e em particular a WikiLeaks – mostraram-se decepcionados porque tanto o *Süddeutsche Zeitung* quanto o ICIJ recusaram-se a liberar tais documentos brutos na íntegra, impedindo que outros pudessem dar cabo de suas próprias investigações. Neste ponto fica ainda mais clara a diferença entre a prática da WikiLeaks, que advoga um tipo radical de transparência (BODÓ, 2014, *online*), e do ICIJ, que adota uma postura semelhante à de empresas tradicionais, com os códigos de ética consagrados no jornalismo moderno. Como disse o diretor do ICIJ, Gerard Ryle: "Nós não somos a WikiLeaks. Estamos tentando mostrar que o jornalismo pode ser feito de forma responsável" (GREENBERG, 2016, *online*). Tal declaração, vinda de uma empresa localizada em Washington DC, sugere uma tentativa de restabelecer a autoridade do jornalismo profissional, movendo o conceito de vazamento para longe dos padrões estabelecidos por grupos como WikiLeaks e *Anonymous*, nascidos sobretudo da cultura *hacker*.

No mais, quando comparamos a forma como jornalistas tradicionais têm historicamente reagido às tecnologias “disruptivas”, como blogs ou conteúdo gerado pelo público, tal retórica não surpreende. Embora Jornalistas tendam a “absorver” com certa facilidade as práticas que ameaçam minar sua autonomia profissional, há um constante movimento de “normalização” (SINGER, 2005; apud BAACK, 2016, *online*) agindo para racionalizar estas práticas de modo a preservar seu papel tradicional de guardiões das informações relevantes ao público. Uma prova disso é a quantidade de jornalistas que hoje em dia possui *blogs* pessoais disfarçados de colunas dentro de grandes jornais, permitindo o

exercício de uma autonomia que é bem vista nas redes enquanto, ao mesmo tempo, insere o *blogging* num contexto relativamente tradicional.

Os *Panama Papers* demonstram como os veículos de mídia têm “normalizado” o vazamento desde o impacto causado pela WikiLeaks em 2010. Aliás, é bom que se diga que esta pretensa normalização não significa, em primeira instância, que os grandes vazamentos tenham se tornado normais, mas que a forma como o jornalista tem lidado com os mesmos foi racionalizada ao ponto de passar a integrar sua identidade profissional. Como salienta Beckett, em grande medida já estava previsto que a WikiLeaks abriria as portas para que um novo jornalismo “tão bom ou melhor do que propunha a existência da WikiLeaks”, como por exemplo “incentivando a prática de um vazamento mais responsável”, como haviam garantido os jornalistas do ICIJ ao liberar para o mundo os *Panama Papers* (2011, *online*).

Assim, a mensagem da ICIJ é a de que há uma forma de realizar vazamentos sem causar danos a pessoas ou instituições inocentes, como infelizmente outros vazamentos teriam causado, incluindo o da WikiLeaks. Além disso, vazando informações para jornalistas ao invés de para hackers asseguraria um impacto maior das denúncias porque a velha mídia ainda detém as melhores ferramentas para alcançar as grandes audiências, o que ainda pode ser reforçado pela já garantida colaboração transnacional, já que se trata de um negócio feito entre jornalistas. Em outras palavras, “o ICIJ traria um bem-vindo questionamento ao método WikiLeaks, contrastando-o com seu próprio método que se baseia em tradições e mantém a autonomia do profissional para decidir o que é ou não do interesse público” (BAACK, 2016, *online*). Todavia, para os defensores de uma transparência mais radical, a autoridade para decidir o que é ou não de interesse público há anos não pertence mais ao jornalista. Pelo contrário, o corporativismo da mídia tem enfraquecido por anos tanto a autonomia quanto a identidade coletiva da classe, sujeitando-a à influência de interesses governamentais ou corporativos e deixando o interesse público em último plano (LEWIS, 2012, p. 844).

De qualquer forma, ambos os gêneros de vazamento – o da transparência radical que promete divulgação absoluta e aquele que mantém o papel de gatekeeper do jornalista,

prometendo publicação em grande escala – provavelmente terão de coexistir por muito tempo no futuro para competir pela confiança dos *whistleblowers* que ainda virão.

A era da colaboração

Ao contrário do que se possa pensar, o fenômeno da “normalização” descrito por Singer (apud BAACK, 2016, *online*) não impediu ou retardou uma revolução no jornalismo. Pelo contrário: embora não tão radical e disruptiva como têm sido por exemplo as inovações tecnológicas, a normalização configura um processo sutil e menos óbvio de adaptação, evitando desta forma o fracasso de um sistema atacado por práticas nocivas e sem regulação. Os *Panama Papers* mostraram como os vazamentos, de forma bastante sutil, foram capazes de remoldar o jornalismo investigativo através dos consequentes avanços promovidos pela automação no jornalismo de dados, bem como na cultura de colaboração e compartilhamento entre redações muitas vezes adversárias. Como comentou Simon Rogers, "a WikiLeaks não inventou jornalismo o de dados, mas deu às redações uma razão para adotá-lo" (2011, *online*).

Com os *Panama Papers*, também foram necessários avanços tecnológicos, não só porque o vazamento era muito grande, mas também por causa dos dados que continha, bem diferentes das planilhas com telegramas que haviam servido de base ao *Cablegate*. No caso específico dos *Panama Papers*, a grande maioria dos documentos eram singulares demais para serem lidos através de um simples processo algorítmico. No mais, jornalistas de dados estavam acostumados a lidar com “dados estruturados”, que podem ser analisados através de métodos quantitativos e assim gerarem estatísticas. Não era o caso: apenas uma pequena fração dos documentos panamenhos era de dados estruturados, um ou outro no meio de milhões de e-mails pessoais, documentos digitalizados etc. Segundo Baack (2016) única forma de transformá-los em notícia seria através da implementação de um método qualitativo, algo relativamente novo para programadores e completamente novo para jornalistas.

Para trabalhar com esse tipo de dados, seria necessário antes de tudo filtrar aqueles que continham informações relevantes. Como explica Cabra (2016), diretor da Unidade de

Dados & Pesquisa do ICIJ, o uso avançado de ferramentas de pesquisa foi fundamental, o que acabou motivando as equipes de jornalistas a focarem em nomes de pessoas, como por exemplo uma lista de políticos alemães. Ao receber os nomes, o ICIJ buscava os dados e os retornaria aos algoritmos, onde as primeiras tentativas de estruturação atuavam na busca por padrões e atividades semelhantes. Além disso, a extensa colaboração entre redações de todo o mundo foi essencial para permitir que um determinado país focasse em seus políticos. Foi o caso das redações da Folha de São Paulo e do jornal O Globo, que trabalharam sobre uma lista de nomes brasileiros e obtiveram, por exemplo, alguns fatos que contribuíram para o escândalo ao redor da figura de Eduardo Cunha, então presidente da Câmara dos Deputados. No auge da operação haviam cerca de 400 jornalistas envolvidos, além de programadores e voluntários – semelhante à operação montada pelos jornais que auxiliaram a WikiLeaks.

Enquanto os nomes eram buscados, o ICIJ trabalhava na construção de uma rede social focada no jornalismo investigativo, onde jornalistas do mundo inteiro podiam compartilhar suas descobertas e manter uns aos outros atualizados, facilitando a cobertura de pontos cegos nas investigações. Assim, pode-se dizer que, mais do que na técnica, o tipo de jornalismo criado pelos vazamentos representa uma mudança na mentalidade e nas rotinas de trabalho dos jornalistas, expandindo suas áreas de atuação para além do escopo corporativo e finalmente introduzindo as redações na era do compartilhamento.

Sobre este aspecto – do espírito colaborativo e da cultura do compartilhamento – não podemos jamais ser tímidos ao ressaltar sua importância. Como é sabido, o jornalista investigativo sempre foi pintado como um lobo solitário, competindo por furos e mantendo suas descobertas em absoluto segredo. Esta imagem não era por acaso, afinal o jornalismo surgiu numa era em que as relações de poder em grande parte se concentravam no privilégio sobre determinadas informações. Contudo, podemos afirmar que a cultura jornalística advinda dos vazamentos colocou tal modelo parcialmente em cheque, uma vez que nenhum lobo solitário seria capaz de administrar a publicação de bancos de dados tão massivos. “Da mesma forma que os vazamentos ajudaram a estabelecer o jornalismo de dados nas redações, o jornalismo de dados ajudou a fundar a mentalidade de compartilhamento e colaboração no jornalismo investigativo” (LEWIS, 2012, p.850).

De todo modo, pode ser que tais práticas colaborativas tenham sido adotadas sobretudo como uma forma de manter o papel de *gatekeeper* dos jornalistas, servindo quase como um mecanismo de defesa de classe. Mas, segundo Lewis há sinais que indicam que o

compromisso ideológico do jornalismo com o controle, enraizado em um instinto institucional focado na proteção dos limites e da legitimidade, pode estar dando lugar a uma lógica híbrida de adaptabilidade e de abertura: a vontade de ver o público em condição de igualdade e assim apreciar suas contribuições, encontrando assim um propósito normativo na transparência e participação (LEWIS, 2012, p. 851).

Outro aspecto que não se pode negar é a evolução dos jornalistas na lida com dados desestruturados, algoritmos de *big data* e processos automáticos de interpretação de dados. A ideia de usar computadores e métodos estatísticos no jornalismo não é nova: “Philip Meyer, jornalista e pesquisador da Universidade do Kansas, já o fazia nos anos 70, muito antes dessas práticas serem chamadas de jornalismo de dados” (ANDERSON, 2014, *online*). No entanto, a internet expandiu de maneira singular o escopo onde essas técnicas podem ser aplicadas. As investigações tanto da WikiLeaks quanto do ICIJ demonstram o imenso potencial do uso de automação nas redações, inclusive para usos ainda não experimentados. Anderson (2012) sugere que as empresas noticiosas deveriam coletar dados sistematicamente de modo a “suplementar e expandir algoritmicamente o alcance” de suas práticas jornalísticas tradicionais. Mesmo que haja sempre o medo de que os computadores acabem substituindo certos papéis fundamentalmente jornalísticos, os padrões de normalização indicam que haverá sempre uma forma de manter o controle sobre esta atividade que nasce sobretudo de um instinto que não pode ser automatizado.

Considerações finais

Esta breve análise sobre como os vazamentos mudaram o jornalismo joga um pouco de ceticismo sobre as narrativas apocalípticas de que a tecnologia interromperia ou mesmo cessaria a atividade jornalística. Até onde se pode prever, o jornalismo continuará sendo em muitos aspectos igual ao que sempre foi. Talvez em escalas maiores, onde jornalistas terão

de rearticular suas identidades profissionais. Talvez em escalas menores, servindo-se do poder das máquinas. Mas no fim, se a normalização pôde nos ensinar uma lição, é a de que valores jornalísticos tradicionais, práticas e códigos de ética tão arraigados não são facilmente abdicados.

Neste artigo vimos a descrição de fenômenos que trouxeram consigo uma série de transformações, quase como um novo paradigma. Contudo, temos de reconhecer que ainda não possuímos o distanciamento necessário para avaliar se o que houve foi ou não paradigmático. Talvez a narrativa Histórica vá dar conta disso, quando outros fenômenos tão ou mais importantes necessitarem de explicação. A nós observadores cabe apenas o exercício do questionamento, algo salutar quando nos vemos inebriados pela aproximação da singularidade tecnológica. É, pois, nesta perspectiva de questionamento que procuramos observar o papel da WikiLeaks e também do ICIJ.

Se à primeira vista, a WikiLeaks aparenta revolucionária por atacar poderes instituídos há séculos e sair relativamente bem-sucedida, à luz da História recente já vários questionamentos podem ser erguidos. Pois foi em grande parte graças as revelações da Wikileaks que alguns grupos rebeldes paramilitares se sentiram à vontade para ir às armas contra seus governos no norte da África, dando início a uma série de revoluções que hoje são conhecidas como “Primavera Árabe”⁸. Ao publicar sem filtros as versões dos oprimidos pelas guerras estadunidenses, Assange ajudou a abrir uma caixa de pandora cujo conteúdo era impossível de controlar. Hoje, menos de uma década depois, aquela Primavera Árabe, tão romantizada pela mídia, levou ao poder ditaduras ainda mais sanguinárias, quase todas inspiradas em modelos teocráticos de governo. Logo, torna-se difícil avaliar se a estratégia dos *cypherpunk* foi de fato benéfica ao mundo ou não.

Da mesma forma, o Consórcio Internacional de Jornalistas Investigativos, ONG sediada na capital dos EUA desde os anos 80, deflagrou uma quantidade imensa de escândalos políticos que afetaram, por alguma razão, vários adversários políticos dos EUA, entre eles Vladimir Putin, presidente da Rússia. Ao mesmo tempo, o número de políticos afetados em países que já vinham mergulhados em crises econômicas, como é o caso de

⁸ *WikiHistory: Did the Leaks Inspire the Arab Spring?* <http://www.worldaffairsjournal.org/article/wikihistory-did-leaks-inspire-arab-spring> < Acesso em 30 de julho de 2016 >.

membros do BRICS, serviu para minar ainda mais as instituições e enfraquecer os governos. Marx dizia que a história se repete, a primeira vez como tragédia e a segunda como farsa. Se isto é verdade, talvez seja saudável desconfiar um pouco deste conveniente vazamento, que tem sido acusado por *whistleblowers* de ter sido arquitetado pela CIA⁹, o que talvez pudesse explicar o celebrado profissionalismo dos seus métodos.

Pois é fato que para além do jornalismo as questões são muitas. No entanto, se nos ativermos apenas aos processos comunicacionais derivados de ambos os fenômenos, nada muda o fato de que uma classe inteira foi e continua sendo afetada por massivos vazamentos de dados, obrigando-se a um processo de adaptação que bem poderia ser narrado em tom aventureiro. Certamente ainda veremos muitos vazamentos com desdobramentos tão ou mais interessantes, pois a “era da *big data*” mal começou e a internet ainda possui muitos territórios por conquistar. Ademais, se Assange estiver certo, o espaço da criptografia será sempre diretamente proporcional ao espaço destinado ao *leaking*.

Referências

ANDERSON, C. W.; BELL, Emily; SHIRKY, Clay. Jornalismo pós-industrial: adaptação aos novos tempos. *In: Revista de jornalismo ESPM*. 2013. Disponível em <<http://goo.gl/aFuTL9>> Acesso em 30 de julho de 2016.

ANDERSON, C. W. Towards a sociology of computational and algorithmic journalism. *In: New media & society*. Dezembro de 2012. Disponível em: <http://www.cwanderson.org/?page_id=575> Acesso em 30 de julho de 2016.

_____. Between the unique and the pattern: historical tensions in our understanding of quantitative Journalism. *In: Digital journalism*. Volume 3, Issue 3. Novembro de 2014. Disponível em <<http://www.cwanderson.org/wp-content/uploads/2014/10/UniqueandPattern.pdf>> Acesso em 30 de julho de 2016.

⁹ *Swiss banker whistleblower: CIA behind Panama Papers*: <http://www.cnn.com/2016/04/12/swiss-banker-whistleblower-cia-behind-panama-papers.html> < Acesso em 30 de julho de 2016 >.

ASSANGE, Julian. **Cypherpunks: liberdade e o futuro da internet**. São Paulo: Boitempo Editorial, 2013, p.143

BAACK, Stefan. What big data leaks tell us about the future of journalism - and its past. *In: Internet policy review*. Julho de 2016. Disponível em <<https://policyreview.info/articles/news/what-big-data-leaks-tell-us-about-future-journalism-and-its-past/413>> Acesso em 30 de julho de 2016.

BECKETT, Charlie. WikiLeaks as journalism. *In: Polis - journalism & society at the LSE*. Junho de 2011. Disponível em <<http://blogs.lse.ac.uk/polis/2011/06/25/wikileaks-as-journalism-2/>> Acesso em 30 de julho de 2016.

BODÓ, Balázs. Hacktivism 1-2-3: how privacy enhancing technologies change the face of anonymous hacktivism. *In: Internet policy review*. Novembro de 2014. Disponível em <<http://policyreview.info/articles/analysis/hacktivism-1-2-3-how-privacy-enhancing-technologies-change-face-anonymous>> Acesso em 30 de julho de 2016.

CABRA, Mar. The people and tech behind the Panama Papers. *In: Source*. Abril de 2016. Disponível em <<https://source.opennews.org/en-US/articles/people-and-tech-behind-panama-papers/>> Acesso em 30 de julho de 2016.

GREENBERG, Andy. **How reporters pulled off the panama papers, the biggest leak in whistleblower history**. Abril de 2016. Disponível em <<https://www.wired.com/2016/04/reporters-pulled-off-panama-papers-biggest-leak-whistleblower-history/>> Acesso em 30 de julho de 2016.

LEWIS, Seth C. The tension between professional control and open participation. *Journalism and Its Boundaries. In: Information, communication & society*. p. 844-851. Abril de 2012. Disponível em <<http://goo.gl/VBmqS0>> Acesso em 30 de julho de 2016.

LIMA JUNIOR, Walter Teixeira. Big Data, jornalismo computacional e *data journalism*: estrutura, pensamento e prática profissional na Web de Dados. *In: Estudos em comunicação*. Nº 12, p.210. Dezembro de 2012. Disponível em <<http://www.ec.ubi.pt/ec/12/pdf/EC12-2012Dez-11.pdf>> Acesso em 30 de julho de 2016.

LYNCH, Lisa. We're going to crack the world open. *In: Journalism practice*. Volume 4, Issue 3, p.315. Julho de 2010. Disponível em: <<http://jclass.umd.edu/classes/jour698m/wikileaks.pdf>> Acesso em 30 de julho de 2016.

MAYER-SCHÖNBERGER, Viktor; CUKIER, Kenneth. **Big Data**: como extrair volume, variedade, velocidade e valor da avalanche de informação cotidiana. Rio de Janeiro: Elsevier, 2013.

ROGERS, Simon. **Wikileaks data journalism**: how we handled the data. Janeiro de 2011. Disponível em <<http://www.theguardian.com/news/datablog/2011/jan/31/wikileaks-data-journalism>> Acesso em 30 de julho de 2016.

SINGER, Jane B. apud CABRA, Mar. The people and tech behind the Panama Papers. *In: Source*. Abril de 2016. Disponível em <<https://source.opennews.org/en-US/articles/people-and-tech-behind-panama-papers/>> Acesso em 30 de julho de 2016.

SILVA, Maria Margarida de A. O jornalismo na era Wikileaks. *In: ISCTE/Media Capital*. Janeiro de 2014. Disponível em <<http://goo.gl/EwxAeS>> Acesso em 30 de julho de 2016.

“WHAT IS WIKILEAKS?”. Maio de 2011. Disponível em: <<http://wikileaks.org/About.html>> Acesso em 30 de julho de 2016.